

COIMBRA • 2013

58

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

NOS CAMINHOS DE ÉDIPPO

MARIA MAFALDA VIANA

Por várias vicissitudes históricas, muito do que da Antiguidade poderia ter chegado aos nossos dias se perdeu, situação a que não escapa nem a importante figura de Édipo conforme ela foi modelada na Grécia. Assim sendo, o mais sensato será moderar a reflexão sobre este herói quando se trata de analisar textos fragmentários; ou então – o que já não é pouco – cingir-nos à tragédia de Sófocles. Não obstante tudo isto, parece-me muito tentador tentar encontrar de Édipo o sulco rarefeito de um caminho que porventura possa cruzar-se com o que desta figura foi traçado por Sófocles na tragédia homónima que considero incontestavelmente maior.

59

Na tradição épica, entre o ciclo troiano, e também nos trágicos Ésquilo e Eurípides, pouco é o que recebemos de Édipo, reduzindo-se, no caso de Ésquilo, o sobrevivente da possível tragédia homónima a um fragmento, que na edição de Radt aparece nos fragmentos de lugares incertos. De Eurípides sobreviveram vários fragmentos, embora não se possa a partir deles reconstituir a sua tragédia. Na verdade, se apenas estes testemunhos – entre os quais até podemos incluir os dos versos da *Odisseia* relativos ao avistamento da mãe de Édipo no Hades por Ulisses (XI, 271-280) – tivessem chegado aos nossos dias, bem diferente seria a nossa percepção de uma figura à qual o mais certo seria não darmos mais importância do que a devida a um valor documental. No entanto, Édipo, a partir de Sófocles, havia de revelar-se herói maior, marcando ao longo dos séculos, e de forma decisiva, a cultura europeia e do Ocidente. Deste modo, aliado à importância conquistada por esta figura, o facto de nem Ésquilo nem Eurípides serem, cada um a seu modo e

com o seu valor específico, poetas menores do século V a. C. leva-me a estranhar – quando não, em todo o caso, a magicar – este estado de coisas relativamente a Édipo.

E neste aspecto parece-me que nada do que ao tempo da escolha levada a cabo no século II d. C. terá justificado a redução drástica do fundo de textos trágicos para uso nas escolas (e portanto também a transmitir às gerações vindouras) poderá atenuar este sentimento de estranheza. É que de facto o brilhantismo – e não há outro termo para designá-la, pois não é redutível a uma predicação menos opaca (permita-se-me o paradoxo) – da tragédia de Sófocles *Rei Édipo*, enfim, tudo quanto nela edifica a sua perfeição e faz que para nós Édipo possa ser, naturalmente entre outros, um emblema da cultura europeia marca-nos tão decisivamente que a custo se compreendem as razões de terem sido preteridas as tragédias de Ésquilo e de Eurípidés onde este herói teria sido protagonista. Aceito, muito embora, que de facto o carácter inigualável da tragédia de Sófocles possa ter peso neste estado de coisas. Ainda assim, a perda parece-me estrondosa.

60

Não é, porém, sobre este problema que pretendo deter-me. Na verdade, por muito que tal nos inquiete ou mesmo por muito que fosse o engenho e a arte na reconstituição de caminhos, este é daqueles assuntos em relação aos quais melhor será a prudente aceitação do nosso não saber no tocante à imensa vastidão do que, tendo sido apagado pelos séculos, não se dá generosamente a ver. Importa-me, sim, no espaço desta revista pensado com sensibilidade para o “teatro perdido”, evocar a figura de Édipo, de modo a inscrever na fenda e na senda maiores deixadas por Sófocles o sulco rarefeito do caminho deste herói traçado pelos três versos sobreviventes da autoria de Ésquilo e que com alguma probabilidade poderiam ter pertencido à sua tetralogia constituída pelas tragédias *Laio*, *Édipo* e *Os Sete contra Tebas*, e pelo drama satírico *Esfinge*.

O intuito que me move está longe de ser o de atender a uma curiosidade desligada de autêntica preocupação no tocante ao humano. Tal

seria irónico, sendo Édipo justamente símbolo de um particular saber e questionar relativamente à identidade do homem, que na Grécia viu desenvolver-se a reflexão sobre a sua integração num espaço social partilhado carecente de justiça. Neste contexto, a figura de Édipo, tal como nos chega modelada por Sófocles, não poderia ser hoje mais actual. Assim sendo, pensá-la, ainda se modestamente, apresenta-se a meus olhos como essencial.

Três versos são efectivamente matéria escassa para se pensar um mito que na cultura europeia ocupa um primeiro plano. Quando assim não se considerar a figura de Édipo, tal ficará a dever-se apenas aos tempos de desmemória que, por complexas razões, vivemos e não cabe aqui desenvolver. Não obstante a evidente escassez do material a analisar, não deixa de ser interessante que precisamente nos três versos sobreviventes de Ésquilo os sentidos de caminho e de encruzilhada estejam marcados com tanta insistência. Por certo nos dizem, antes de mais, ser nosso ainda o caminho de Édipo. Com toda a certeza é, pois, nossa também a encruzilhada que ao homem confronta com a debilidade do seu saber no tocante à sua própria identidade. Assim é nosso ainda esse sulco marcado na terra entre Corinto e Tebas, e este, mesmo se já só rarefeito deixa-nos a pensar se não terá o tempo, generoso mesmo na sua voracidade, permitido que pudéssemos ainda vislumbrar algum ponto do seu traçado onde situar o nosso pensamento de seres que, mesmo contra toda a adversidade da vida presente, não deixaram de na memória ter a sua verdadeira vocação de homens. Mesmo na situação de apenas terem chegado aos nossos dias estes três versos e, conseqüentemente, aceitando a falibilidade da minha observação, arrisco-me a dizer que é de facto muito intrigante – e não menos tentadora – a forte acumulação de tão sugestivos termos para o mito de Édipo na exiguidade de um fragmento pertencente ao *corpus* de texto esquiliano que, em conluio, o tempo e o destino decidiram fazer chegar aos nossos dias:

ἐπῆμεν ὁδοῦ τροχῆλατον
σχιστῆς κελεύθου τρίοδον, ἔνθα συμβολὰς
τριῶν κελεύθων Ποτνιάδων ἡμίβομεν.¹

62 Se confrontarmos estes três versos com Sófocles, *Édipo*, 730 e 733, seguindo o trilha do escoliasta², o trecho de Ésquilo diria respeito ao encontro de Édipo com Laio, precisamente no momento da encruzilhada. Diferentemente do texto de Sófocles, porém, neste grupo de apenas três versos é notória, além da ausência de termos designativos das pessoas que se encontram (a não ser as subentendidas nas formas verbais) a repetição do substantivo κέλευθος e até de ὁδός, posto que aparece também no composto τρίοδος, que precisamente permite formar o sentido de encruzilhada. Num primeiro confronto, fica, pois, muito visível, além do sentido de encruzilhada, a acumulação de termos alusivos ao caminho, num parco conjunto de palavras. Sobressai assim da acção de Édipo – o herói que se situa na encruzilhada, matando o pai, e diante da Esfinge, resolvendo o seu enigma – o percurso conducente à encruzilhada, aspecto que precisamente calha bem ao herói conhecido por uma particularidade relativamente ao seu pé. Ele é οἰδίπους, segundo o texto de Sófocles, aquele que tem o pé inchado, característica aí justificada pelas correntes que teriam prendido os pés do herói quando à nascença fora exposto³. A particularidade relativa ao seu pé pode ter também justificação na sua ascendência, em relação à qual J. P. Vernant⁴ acentua o traço claudicante de Lábdaco e o de ser canhoto de Laio, com as devidas implicações que não importa aqui desenvolver, não obstante a argúcia da sua reflexão.

1 NAUCK, frag. 173 (= RADT, frag. 173 N: o texto do fragmento é apresentado com o número 387 a, nos “Incertarum Fabularum Fragmenta”). “Íamos fazendo o trajecto da estrada em direcção ao local onde três caminhos se separam e aí passamos pelas junturas dos três caminhos de Pótnias”.

2 Schol. Soph. Oed. R. 733 (apud Nauck, p. 57)

3 Sófocles, *Rei Édipo*, 1032-1036.

4 J. P. Vernant, P. Vidal-Naquet, *Mythe et tragédie en grèce ancienne - II*, Paris, La Découverte, 2001 (1972), pp. 45-69.

Neste caso, o nome de Édipo é interpretado com o sentido do homem com os dois pés (*dipous*), mas sobre o qual todavia pesa a linhagem coxa a que pertence e faz que o sucesso na adivinhação do enigma o situe não como homem que segue a direito pela sua linhagem, mas como o monstro no qual se *confundem* as três gerações, e portanto destruindo a ordem social e cósmica, aspecto para o qual, na leitura de Vernant, apontaria já a formulação do enigma da Esfinge.⁵

Qualquer que seja o sentido a dar a Οιδίπους, o nome do herói, ao indiciar a existência de uma particularidade relativa ao seu pé, aponta também para uma acção que se afirma enquanto caminhada. Há, pois, uma metáfora do caminho implícita em toda a literatura sobrevivente sobre Édipo, mesmo nos casos em que este aspecto, embora presente, não é tão posto em evidência, como é o caso em Sófocles, se o compararmos com o fragmento de Ésquilo. Claro fica, porém, no texto de Sófocles, o alvo para que tende a caminhada e em direcção ao qual se estende o caminho, porquanto aí a busca de Édipo pela sua identidade se vai desvelando enquanto caminho em direcção ao governo da cidade de Tebas. Não porque o herói o ambicione, e isso até é claro no texto de Sófocles, mas porque lhe vai acontecendo descobrir-se como homem cuja caminhada, no passado, o conduziu, no presente, ao governo da polis. Neste âmbito se situa, pois, o seu particular saber sobre o homem.

63

O caminho trilhado, enquanto metáfora de um certo saber sobre o homem, poderá, de algum modo, assemelhar este herói a Ulisses. Neste aspecto, pode ser bem significativo o fragmento em questão, porquanto nele é muito valorizado o sentido do caminho, mesmo se, dada a exiguidade do texto, este não aparece conexo de um saber. Tal acontece, porém, em Sófocles, mas, embora até como em relação a Ulisses ali apareça também o sofrimento, os caminhos a que o texto se refere não são os efectivamente trilhados, pelo seu pé, entre Corinto e Tebas,

5 Vernant apoia-se na formulação das *Fenícias* de Eurípides, que todavia em meu entender não permite propriamente a interpretação pretendida por este comentador.

mas são aqueles que aparecem na expressão *caminhos do pensamento*⁶. Além disso, não se encontra em Sófocles, em tão exígua porção de texto, acumulação semelhante de palavras com o sentido de caminho. Mais marcada ficara na *Odisseia* a conexão entre a múltipla errância do herói e o seu múltiplo saber. Entre estes, o sofrimento intrínseco ao percorrer do caminho e na base do saber⁷.

Em Édipo, porém, diferentemente de Ulisses, o caminho revela-se especificamente encruzilhada, ou mesmo a sua impossibilidade, isto é a sua ineficácia enquanto possibilidade de progressão, neste caso, em direcção ao saber relativo ao governo da *polis*, na medida em que, segundo nos permite vislumbrar o texto sofocliano, esse saber acaba por mostrar-se mal-entendido. Assim sendo, o caminho de Édipo revela-se *aporia*, portanto a negação da sua natureza intrínseca que é a de permitir a progressão com vista a um alvo, meta ou finalidade. O caminho de Édipo revela-se, pois, a sua própria negação. Com efeito, segundo o texto de Sófocles, Édipo é o herói que se distingue por um particular saber sobre si próprio / sobre o homem, na medida em que, contrariamente à generalidade dos que se confrontam com a Esfinge e por ela são fulminados por não saberem a resposta à sua pergunta, o herói resolve o enigma que precisamente confronta o homem com a sua identidade, ao perguntar-lhe *que é o homem?* sob a fórmula: “qual é o ser que primeiro anda sobre os quatro membros, depois sobre dois e, por fim, sobre três?”. Triunfante na sua razão⁸, como em passado relativa-

64

6 Sófocles, *Rei Édipo*, 66-67: ἀλλ' ἴστε πολλὰ μὲν με δακρύνοντα δῆ, | πολλὰς δ' ὁδοὺς ἐλθόντα φροντίδος πλάνοις: “sabes com certeza que muito eu chorei, / e que muitos são os caminhos do espírito que percorri em errâncias”.

7 *Odisseia*, I, 1-5: “Fala-me, ó Musa, do homem de múltiplas voltas, que por tantos lados / andou errante, depois que de Tróia a cidadela sagrada destruiu; / de muita gente viu as cidades, conhecendo-lhes o espírito, / e muitas dores em alto mar sofreu no coração, / querendo ele salvar a vida e o regresso dos companheiros”.

8 Um certo traço de tragicidade é inerente ao saber de Édipo: Sóf., *Édipo*, 442-443: ΤΕΙ. αὕτη γε μέντοι σ' ἡ τύχη διώλεσεν. ΟΙΔ. ἀλλ' εἰ πόλιν τήνδ' ἐξέσωσ' οὐ μοι μέλει. Tir.: “É que a tua própria sorte é que te destruiu”. Éd.: “Mas se salvei esta cidade, isso não me importa.

mente recente havia de mostrar o quadro de Ingres, e não sem alguma possível ironia⁹, o herói responde afirmando-se assim simbolicamente como conquistador de uma razão que antecede o acesso ao governo da cidade. O seu saber, porém, contrariamente ao de Ulisses, revela-se estéril, porquanto põe a claro o verdadeiro não-saber do homem. Ulisses atinge Ítaca, recupera o seu poder. Édipo atinge Tebas aparentemente reconquistando também o poder que havia sido subtraído a Laio. No seu caso, porém, a resolução do enigma tem irremediavelmente conexo a si o acto de não saber pleno que para Édipo consistiu em matar o pai.

Assim sendo, a configuração do mito parece mostrar que a resolução de um estado de crise, como é a da peste em Tebas, traz inevitavelmente consigo uma nova crise, situação que, aliás, os dias presentes parecem actualizar, entre nós e entre outras nações em relação às quais o mito de Édipo não constitui também fábula estrangeira. A resolução do enigma da Esfinge, sendo posterior ao parricídio, não é possível sem a consumação deste. O saber do homem sobre si próprio, o saber relativo à sua vocação de viver em sociedade, na *polis*, revela-se, pois, um saber intrinsecamente equivocado. Dir-se-ia, assim, que o homem se encontra em permanência – todo o seu gesto criador – na situação de encruzilhada. Deste modo, o fragmento de Ésquilo, que por conluio do destino e dos deuses sobreviveu até aos nossos dias ganha, nesta perspectiva, alguma importância, porquanto, na exiguidade de três simples versos, qualquer que fosse o sentido que lhes daria o seu contexto, ὀδός revela-se τρίοδος.

65

Ao chamar a atenção para o fragmento de Ésquilo e para o modo como o caminho aí é valorizado, não pretendo sugerir tratar-se de uma novidade ou diferença substancial relativamente aos textos conheci-

9 A juventude marcada no rosto da figura central do quadro, Édipo, parece-me poder sugerir a inexperiência que é a de todos nós, que assim teríamos a nossa consciência semelhante à de um rapaz inexperiente, se porventura pensarmos que a nossa razão tem apenas a faceta do seu triunfo. O não saber e ignorância disso mesmo, porventura patente no rosto do rapaz, seriam assim os nossos.

dos e não fragmentários (mormente o sofocliano), a partir dos quais se modela a ideia que hoje formamos de Édipo. Na verdade, embora porventura não marcado com a mesma intencionalidade, aquele elemento não está ausente do texto de Sófocles. O fragmento em questão parece, pois confirmar – e isso já não será pouco – uma tradição anterior comum, onde, no caminho, a encruzilhada (tal como, em Dante, o Inferno, seguido, em novo contexto, do Purgatório e do Paraíso, como se por processo semelhante ao de uma sinédoque, se destaca da categoria narrativa greco-latina da viagem, a qual compreende o Inferno, ou o Hades, no caso grego) assumia uma posição de relevo. Quanto à concentração de termos com a ideia de *caminho*, aspecto onde será visível a importância (não a novidade) do fragmento, poder-se-á argumentar que também em Sófocles se encontra patente o sentido da caminhada, como o testemunham, por exemplo, os versos 420-427, onde ocorrem a forma verbal εἰσέπλευσας e o substantivo que lhe é cognato εὐπλοίας. E neste caso até de forma muito sugestiva, pois o caminho conducente à cidade de Tebas, caminho à partida εὐπλοία, e portanto sem qualquer associação a um destino funesto, mostrar-se-á, no futuro, trilha conducente à maldição da linhagem de Édipo, a qual há-de revelar-se no herói, pois guiá-lo-á a um *himeneu inabordável* (422-423: ὑμέναιον ἄνορμον). E este himeneu é tanto um porto a que nunca o herói devia ter abordado, quando um himeneu que é a negação do porto onde o herói (com o seu navio) poderia amarrar o navio. É o lugar onde o herói está à deriva. Além disto, a metáfora do porto, acompanhada de termos na sua etimologia indicadores de um percurso feito por mar, valoriza ainda o caminho, pois aproxima-o da viagem de Ulisses. Não pretendo, pois, ocultar o que é evidente, mas mostrar a importância do fragmento de Êsquilo, que bem parece enquadrar-se na literatura sobrevivente e conhecida relativa a Édipo.

O interesse do fragmento, conservado porventura não por casualidade, é o de poder ser situado, também ele, numa encruzilhada de caminhos entre o que foi modelado por Sófocles, onde é valorizado o saber

de um herói sobre o homem e o governo da sua *polis*, por fim revelado não-saber, e o que de também fragmentário nos chega da tradição épica e onde o aspecto do equívoco porventura não aparece tão acentuado, porquanto, muito embora Édipo já apareça aí como herói parricida, não aparece com a mesma clareza enquanto sujeito do incesto.

Logo à partida, não é inteiramente claro se, em toda a tradição narrativa épica mais vasta na qual se integra a *Odisseia*, o herói se casaria com a sua mãe. Ou pelo menos é levantada uma dúvida razoável ainda por Pausânias (IX, 5, 10), que, partindo da ocorrência de ἄφαρ, se pergunta como poderiam os deuses ter dado a conhecer de modo ἄφαρ, isto é, segundo a sua leitura do advérbio, *logo*, ou *imediatamente*, ou *rapidamente*¹⁰ a enormidade do acto originador do incesto (*Od.*, XI, 272: μέγα ἔργον) e terem tido ainda tempo de ter quatro filhos? Naturalmente que o texto da *Odisseia* tem muito mais peso do que o de Pausânias, bem mais tardio. Apesar de a *Odisseia* ser posterior à *Ilíada* em um período de tempo que não suscitando a unanimidade dos helenistas, ainda assim, é suficiente para naquela epopeia serem consideradas significativas diferenças de concepção narrativa, em todo o caso integra-se na tradição narrativa épica, o que evidentemente não se pode dizer de Pausânias. E qualquer que seja a tradução do advérbio em causa, o texto da *Odisseia* não deixa de apontar o carácter funesto do acto.

De qualquer modo, muito embora valorizando a dor de Édipo, o texto remete para Epicasta a responsabilidade de ser sujeito de uma oração cujo verbo tem como complemento directo μέγα ἔργον. Não se trata de um pormenor. Na tradição grega o estatuto da mulher não é compatível com a função atribuída a Édipo por Sófocles – a de se fazer sujeito de

10 Na sua tradução, F. Lourenço contorna este problema, traduzindo o advérbio em causa pela expressão *com o tempo*: cf. Homero, *Odisseia*, tradução de F. Lourenço, Lisboa, Cotovia, 2003. No entanto, também em tradução portuguesa, o advérbio é traduzido por *em breve*: cf. Homero, *Odisseia*, tradução do grego, prefácio e notas pelos Padres E. D. Palmeira e M. A. Correia, Lisboa, Sá da Costa, 1980 (5ª ed.). A tradução parece, pois, ser problemática.

uma busca pelo ser do homem, que se afirma no acto de sair de casa e percorrer o caminho em direcção à *polis*. Poder-se-á contra-argumentar dizendo que Antígona é protagonista de um acto situado no âmbito do problema da lei da cidade; no entanto, não só ela não sai de casa, como sobretudo esta heroína é uma figura excepcional, que, pouco apresentando de uma rapariga vulgar, também pouco tem de mediano; não se enquadra da mesma forma nos parâmetros de Aristóteles a respeito do protagonista. Consideração semelhante poderá ser feita sobre Electra. Ora, Epicasta não é comparável a Antígona, pois não tem na poesia nem estatuto nem importância assemelháveis aos desta. Poder-se-á contra argumentar com a insuficiência do texto homérico, mas o pronome ἧ, relativo a Ἐπικάστη, presente na oração anterior, é que nunca deixará de ser ali o sujeito de μέγα ἔργον ἔρεξε.

68 Assim, o que sabemos é que o texto de Sófocles valoriza o aspecto inominável de uma situação da qual faz protagonista Édipo, de tal modo que põe a nu o equívoco de um saber conducente ao governo da *polis* resultante de uma sociedade perfeitamente organizada onde não se confundem os papéis dos jovens, dos homens adultos e dos anciãos (como se não confundem os das mulheres e dos homens e bem o mostram as epopeias sobreviventes do ciclo troiano) – ordem claramente desfeita no mito de Édipo e que na modelação dada por Sófocles assume a densidade de um contorno trágico. Dificilmente poderemos discernir (como se vê com o que fica dito) exactamente até que ponto o texto de Sófocles é original. Não obstante, ele enquadra-se bem no contexto de crise da segunda metade (já avançada) do séc. V a. C, quando em Atenas grassava a peste.¹¹ E, em todo o caso, sobre todos os aspectos apontados atrás, parece-me ser muito significativo o facto de, no texto de Sófocles, Édipo, ao contrário do que se encontra na tradição homérica, e apesar

11 Para o enquadramento destes e de outros aspectos veja-se a introdução de M. do Céu Fialho, em Sófocles, *Rei Édipo*, introdução, versão do grego e notas de M. do Céu Z. Fialho, Coimbra, INIC, 1979, pp. 11-54.

de ficar a dúvida sobre se permanecerá em Tebas, nunca poder voltar a ser rei de Tebas, porque precisamente pelo seu saber passa necessariamente uma subversão da ordem das gerações e portanto da função e do lugar mantidos na *polis* por cada um. Esta é uma diferença assinalável: em Homero diz-se claramente que Édipo, em sofrimento, continuou a governar em Tebas e a ser rei dos Cadmeus (*Od.*, XI, 275-276). Quanto a Sófocles, não é possível desligá-lo do contexto da *polis* e das questões respeitantes ao seu bom governo, aspectos dos quais dificilmente se pode dissociar o género trágico. Deste modo, Édipo, protagonista de um saber revelado não-saber no tocante a uma identidade humana indissociável do governo da *polis*, não poderia continuar a reinar em Tebas.

Nesta configuração das coisas, também nunca saberemos o que nos revelaria a narrativa *Edipodia*. Em igual situação nos encontramos relativamente ao Édipo perdido de Ésquilo, e tendo este herói adquirido tanta importância na cultura europeia subsequente, tal situação só não se torna a meu ver inaceitável por me parecer que generosamente devemos aceitar o que o tempo e os séculos entenderam por bem legar-nos. Em todo o caso, sendo esta a situação, não poderia deixar de ficar a pensar nas razões que efectivamente não permitiram que a tragédia sobrevivesse, pois não é verosímil que, conhecendo-se de antemão a trilogia *Oresteia* e sabendo-se que a partir da tradição tebana Ésquilo terá composto uma outra trilogia, precisamente o mesmo argumento escolar que ditou a redução das tragédias a copiar e que portanto haviam de sobreviver nos séculos vindouros sustentaria a sua manutenção. Ou porventura a tragédia de Sófocles sobre esta tradição sobrepor-se-ia de tal forma – o que é perfeitamente verosímil – que a trilogia de Ésquilo poderia, neste contexto, ser dispensada. Aceitamos assim o legado de três versos da autoria de Ésquilo que poderão ter pertencido a uma tragédia chamada Édipo.

Entre um e outro ponto – ou como uma de três estradas que se encontram na encruzilhada – o fragmento de Ésquilo testemunha a importância

do caminho em si mesmo, o qual, embora não esteja ausente do texto de Sófocles¹², não aparece porventura singularizado ou destacado como o fragmento de Ésquilo parece sugerir, mesmo se tal impressão apenas resulta das vicissitudes do tempo. Ora, a valorização do caminho em si, para além dos pontos específicos onde o gesto e a palavra do herói o conduzirão à desgraça, de algum modo aproxima Édipo de Ulisses, e com isto são os dois grandes ciclos lendários que se aproximam. Esta circunstância mostra o valor da metáfora do caminho forjada pelo mito. Tal importância é mensurável até pelo facto de a metáfora porventura poder ser encontrada para além da cultura greco-latina. Por exemplo, Moisés pode também ser visto como protagonista de uma metáfora do caminho. Há por certo diferenças essenciais até de intencionalidade, como, de resto, entre Édipo e Ulisses, que parecem resultar de uma mesma tradição cultural. Não obstante, Moisés é o protagonista de uma caminhada em direcção à Terra Prometida, portanto também em direcção a um lugar que se idealiza enquanto espaço de vida partilhada em sociedade carecente de uma lei, neste caso impressa nos mandamentos de Deus. Mas há diferenças essenciais. A localização da Terra Prometida pode – de harmonia com a origem dos Mandamentos – não ser neste mundo, e portanto o desfecho da caminhada não será perceptível senão pela crença. Não se realiza, pois, em toda a sua plenitude, neste tempo mortal. Não posso ainda deixar de anotar a este propósito, mesmo se este aspecto não tem pertinência directa relativamente à questão em debate, o facto, conexo do anterior, de a caminhada de Moisés ser a de uma renúncia a si próprio e incitação do seu povo a isso mesmo¹³, o que

12 De facto, não se pode negar esta presença em Sófocles. Curiosamente, no filme *Edipo re* de Pasolini o aspecto da caminhada está muito presente.

13 O problema, com expressão marcante ainda nos dias de hoje, é bem mais vasto e complexo, e não caberia pensá-lo aqui; com esta referência pretendo apenas contextualizar e justificar a pertinência de encontrar alguma semelhança entre dois mitos que, à partida, nada justifica aproximar. Neste caso, eles aproximam-se por serem porventura marcados por uma metáfora que os impulsiona e antecede, e pode estar presente em outras tradições – a metáfora do caminho.

não poderia ser mais divergente da intencionalidade marcada na evolução desta metáfora no seio da cultura helénica, onde a tragédia mostra bem a importância do indivíduo e precisamente o confronto, que pode assumir um contorno trágico, entre este e a lei no enquadramento da cidade¹⁴. Entre Édipo e Ulisses, ambos bem distintos desta intencionalidade revelada na cultura hebraica, há também uma diferença essencial. O caminho de Ulisses conduz efectivamente o herói ao seu alvo / destino (muito embora o herói ainda manifeste no final da epopeia a necessidade de partir de novo), quer este receba o nome de Ítaca ou mesmo de Penélope, ou de ambos. Ali, ao recuperar o seu poder, reencontra Penélope, sua mulher irreprensível, e bem assim Laertes, seu velho pai, o único diante do qual, não obstante ainda conte uma história verosímil sobre a sua identidade, na verdade de imediato se revela como Ulisses, por não lhe ser possível manter a atitude de ocultar o seu verdadeiro nome. O seu caminho condu-lo, pois, à recuperação da sua identidade. O caminho de Édipo também o conduz ao seu destino; no entanto, este revela-se logro e mal-entendido. Em Tebas, o herói recupera de facto o poder outrora subtraído a Laio, seu pai, e enquanto rei de Tebas, encontra em Jocasta uma mulher, de tal modo que toda a sociedade parece harmoniosa. Não fora o equívoco que parece ser, nesta perspectiva da caminhada, destino inevitável. Assim, a tragédia de Sófocles tem o seu início no centro da nova situação de peste, descrita em termos significativos de esterilidade, de forma a mostrar gradualmente como o encontro de Édipo com o pai resulta em parricídio e como tomar Jocasta por sua mulher resulta em assombrosa situação de incesto – em ambos os casos, situações devidas a um acto que é, de forma profundamente irónica, no herói distinto pelo seu particular saber, de plena e desamparada ignorância.

71

Deste modo, os mitos, embora diferentes desde os seus inícios, apresentam em todo o caso também à partida algum ponto de semelhança ou de intersecção. À medida das mudanças operadas pelos séculos, a

14 Veja-se o caso da *Antígona* de Sófocles.

diferença vai-se acentuando, deixando menos evidente o ponto da proximidade. E não sabemos exactamente quando o mito adquire a feição que lhe é dada por Sófocles e o que a este tragediógrafo ficará também a dever-se, no contexto específico da segunda metade do século V a. C. Deste modo, o fragmento de Ésquilo que, quiseram os deuses, nos legou esta acumulação de termos alusivos ao caminho, encontra-se na encruzilhada entre um ponto a partir do qual poderia ser visível uma hipotética proximidade com o mito de Ulisses e o estado da tragédia consumada enquanto tal, o que, de qualquer modo, a avaliar pela obra sobrevivente de Ésquilo, marcaria já decisivamente a sua tragédia Édipo. Assim, o seu sentido é muito significativo no decurso dos séculos, pois nele fica patente a pormenorização da circunstância de o caminho poder fazer-se tragicamente permanente situação de encruzilhada. Não obstante, força é continuar a percorrê-lo, abrir espaço ao indivíduo no seio da *polis*, lugar que de outro modo não poderá manter este nome.

72 Deste modo, a perda da tragédia de Ésquilo não posso deixar de vê-la como imensa.